

**PILOTO DE PEGÕES
BRILHA NO DAKAR
COM 3.º LUGAR AO
VOLANTE DE BUGGY**

Pág. 11

**CHOVE DENTRO DA
ESQUADRA DA PSP
DO PRAGAL, QUE
ACUMULA RISCOS**

Pág. 4



**GALP INVESTE 650
MILHÕES DE EUROS
EM REATORES PARA
UNIDADE DE SINES**

Pág. 10



+ Região

Diretor
Raul Tavares

Semanário
Região de Setúbal

Edição n.º 1287
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O
Expresso

Sexta-feira
**7 fevereiro
2025**
0,50

semmais



REPORTAGEM SEMMAIS RELEMBRA A CAÇA À BALEIA

QUANDO A PESCA DA BALEIA ESTENDIA-SE DE SETÚBAL A SINES

As caçadas incluíam uma grande variedade de cetáceos, sendo que os óleos mais nobres eram exportados para a Alemanha. Nas lojas da cidade sadina vendia-se carne muito apreciada. Hoje proliferam empresas de observação.

Págs. 8/9



**DISTRITO BATE
RECORDE DE
EXPORTAÇÃO DE
OVINOS E BOVINOS**

■ O negócio rendeu 240 milhões e Israel é o principal comprador de animais vivos.

Pág. 2

**MOITA RECOLHEU
43 TONELADAS DE
RESÍDUOS PERIGOSOS
EM DOIS ANOS**

A iniciativa municipal, lançada em 2023, está a ser um sucesso. A ideia é melhorar a saúde pública, diminuindo contaminações por materiais poluentes, e do ambiente em geral.

Pág. 6

**COMPANHIA
MASCARENHAS-
MARTINS MARCA
DEZ ANOS DE
BOM TEATRO E
PREPARA NOVOS
DESAFIOS**



Pág. 12

EM NOVE ANOS EXPORTAÇÕES FORMA AVALIADAS EM MAIS DE 1.342 MILHÕES

Vendas recorde não calam defensores do bem-estar animal

Israel é o principal comprador das centenas de milhares de bovinos e ovinos que anualmente são embarcados vivos a partir de Sines. Em 2024 o negócio rendeu mais de 240 milhões. Em dezembro dois navios sem condições sanitárias e de segurança foram impedidos de sair rumo a Haifa.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

NOS ÚLTIMOS dez anos, entre 2015 e 2024, foram embarcados no porto de Sines bovinos e ovinos vivos cujo valor ascendeu a cerca de 1.383 milhões de dólares, quantia que ao câmbio atual corresponde a mais de 1.342 milhões de euros. Cerca de 99 por cento destas exportações tiveram Israel como destino. Os números são do TrendEconomy, um portal europeu que contém mais de um bilião de dados económicos relativos às transações comerciais efetuadas para todo o mundo por países da União Europeia. Revelam a importância da venda de vacas, ovelhas e cabras para os criadores nacionais mas, por outro lado, voltam a trazer à tona algumas dúvidas suscitadas pelas organizações que se dedicam ao bem-estar animal e também por alguns partidos políticos.

Os dados estatísticos mais recentes mostram que 2024 rendeu mais de 240 milhões de euros, o que constitui o montante mais elevado desde que no porto de Sines começaram a ser embarcados os animais para o Médio Oriente. No entanto, apesar do valor monetário recorde, no ano transato apenas 39 embarcações efetuaram a viagem, contra 50 em 2023 e 71 em 2022. “As doenças que afetaram os bovinos e os ovinos podem ajudar a explicar o menor número de embarcações. Mas também pode acontecer que os navios agora utilizados transportem mais carga do que os anteriores”, explicou ao Semmais o elemento da Plataforma Anti-Transporte de Animais Vivos (PATAV), Hugo Evangelista. “Também temos conhecimento de que em Israel acontece detetarem-se no momento do desembarque mais animais do que aqueles que foram declarados à partida”, acrescentou o mesmo dirigente, colocando dessa forma uma “sombra” sobre a veracidade dos números divulgados.



PATVA diz que os animais viajam em locais exíguos

Para os dirigentes da PATAV o transporte de animais vivos atenta contra o seu bem-estar, uma vez que as viagens de barco acabam por demorar cerca de duas semanas “em locais muito apertados” e com “formas de tratamento que ninguém conhece com exatidão”. Hugo Evangelista diz que “as estatísticas oficiais referem que apenas um por cento de cada carga acaba por morrer durante o transporte”. “Não sabemos se isso é verdade ou não, mas toda a gente sabe dos animais que acabam por dar à costa e que serão lançados ao mar depois de morrerem nos navios. Há filmagens que mostram maus tratos aos animais no momento do embarque e só não se vê mais porque as tripulações tentam esconder colocando lonas. Também existem registos de tentativas de agressão às pessoas que filmam os embarques”, acrescentou.

VERDES QUESTIONAM RESULTADOS ECONÓMICOS

Os números avassaladores dos negócios realizados nos últimos dez anos (quando se estabeleceu uma linha organizada de vendas de animais para Israel) não são suficientes para convencerem todas as entidades que acompanham o processo. O partido “Os Verdes”, por exemplo, diz que não se deve abordar a questão apenas sob o ponto de vista do bem-estar animal, mas colocar nos pratos da balança os valores obtidos com as exportações em contraponto com o dinheiro gasto na compra de carne estrangeira.

“Exportamos, mas depois importamos. Produzimos carne de grande qualidade, mas depois acabamos por comprar no estrangeiro outra de menor valor. Os animais criados no país deveriam, em primeiro lugar, ser consumidos internamente e só depois de abasteci-

do o mercado nacional deveria haver exportação. Os efeitos económicos seriam bem mais favoráveis e os ambientais também, uma vez que se passava a consumir localmente, que é uma das diretivas que deverá ser cumprida na União Europeia”, disse ao nosso jornal o dirigente de “Os Verdes”, Tiago Aldeias.

A questão do bem-estar animal voltou a ser suscitada no final de dezembro do ano passado, altura em que dois navios que deveriam transportar bovinos e ovinos para, Haifa, Israel a partir de Sines foram impedidos de o fazer após terem sido reprovadas pelos peritos portuários, onde se incluem pessoal da Polícia Marítima e também equipas da Direção Geral de Alimentação e Veterinária e outros especialistas em segurança.

Numa das embarcações foram detetadas más condições de trabalho para os tripulantes

e, também, problemas estruturais e ambientais. Este navio constava, há muito, das listagens internacionais por não ter os requisitos mínimos. O outro não tinha o certificado legal que confirmava a retirada de amianto determinada. “Neste caso não podemos dizer que os animais e a sua segurança fosse colocada em causa, uma vez que não chegaram a ser embarcados e nem sequer ficaram parados nas bermas das estradas, apinhados nos camiões, como tantas vezes sucede”, contou Hugo Evangelista. Já Tiago Aldeias entende que apesar da fiscalização mais intensa que se processa no principal porto de embarque de animais vivos - “o Porto de Sines tem todas as condições e está preparado para cumprir o que está determinado” - é necessário “diminuir para um período máximo de oito horas o transporte de animais vivos”. ■

CONSTRUÇÃO EM ZONA REDE NATURA 2000 PREVÊ PRÉDIOS ATÉ 19 METROS DE ALTURA

Aumento do Pinhal das Freiras contestado por ambientalistas

Câmara do Seixal diz que a construção na área está prevista desde 1993 e que a mesma não irá colocar em causa a floresta e os habitats de diversas espécies.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

A **URBANIZAÇÃO** de uma área de 300 hectares designada por Pinhal das Freiras, no concelho do Seixal, está a gerar uma onda de protestos por parte de um grupo de cidadãos locais. Alegam que o projeto, a consumir-se numa zona que está integrada na Rede Natura 2000, pode acarretar prejuízos ambientais irreversíveis, porque são colocados em causa os habitats de algumas espécies animais protegidas, mas também porque podem estar em causa a preservação dos solos e os recursos hídricos naturais.

A câmara do Seixal garante, por sua vez, que toda a área é urbanizável desde 1993 e fala de uma operação que exemplifica respeito os pareceres favoráveis emitidos por entidades como o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) e Agência Portuguesa do Ambiente (APA).

“O que nos preocupa é que foram utilizados estudos ambientais realizados para a zona Sul do pinhal (onde se localiza agora a urbanização da Quin-

ta do Pinhão), como base para fundamentar decisões sobre a nova urbanização, localizada a Norte”, disseram por escrito ao Semmais responsáveis do grupo Seixal Mais Verde (nenhum dos representantes se quis identificar porque, dizem, a associação que pretendem constituir ainda não tem forma legal). “Esta abordagem levanta preocupações, dado que as condições ambientais podem variar significativamente entre as duas zonas, comprometendo a precisão e a relevância dos dados utilizados no processo de planeamento”, afirmam.

De acordo com os responsáveis do grupo, “a câmara do Seixal tem afirmado que não pode impedir a urbanização porque os terrenos são privados, pertencendo ao Grupo Alves Ribeiro. No entanto, isto não significa que a autarquia esteja isenta de responsabilidade. Embora a propriedade seja privada, o planeamento e a autorização para urbanização são competências muni-



IMAGEM DR

cipais. A intenção de urbanizar o Pinhal das Freiras remonta a 1993 e, ao longo dos anos, houve contacto entre a câmara e os proprietários, demonstrando interesse mútuo na exploração dos terrenos. A autarquia não é obrigada a permitir a construção, podendo proteger a área através de classificações ambientais ou recusando projetos. No entanto, plano de urbanização foi desenvolvido pelo município, estabelecendo as regras para a ocupação do solo, o que indica que esta não foi apenas uma iniciativa privada, mas sim um processo articulado entre o poder local e os investidores”.

Face a estas afirmações, a autarquia disse ao nosso jornal que “a execução do plano

de urbanização definido consagrará a cedência de uma área relevante que deixará de ser propriedade privada e que será integrada no domínio público municipal, ampliando o Parque Metropolitano da Biodiversidade de oito para 400 hectares, o segundo maior da região”.

AUTARQUIA GARANTE PROTEÇÃO DE HABITATS

Ainda de acordo com o executivo municipal o facto de o local estar integrado na Rede Natura 2000, “protege habitats prioritários, como charcos mediterrânicos e charnecas húmidas, promovendo a recuperação da vegetação natural e eliminando espécies invasoras”. “A área do Pinhal das

Freiras será desenvolvida sob um modelo que combina área residencial, atividades económicas (potenciando a criação de empregos, proteção ambiental e instalação de equipamentos supra municipais, como o Hospital do Seixal”.

Mas, mesmo com a promessa do executivo de que serão preservados os aspetos ecológicos da zona, o Seixal Mais Verde diz que “não há garantia de que estas medidas sejam suficientes para preservar a biodiversidade da área”. “O espaço natural não tem fronteiras e os animais circulam por todo o pinhal”, argumentam, lembrando também que nos levantamentos efetuados pelos biólogos no Parque Metropolitano da Biodiversidade estão identificadas mais de um milhar de espécies. “Tem sido utilizado o argumento da crise habitacional, no entanto sem medidas concretas de como um projeto desta magnitude e com uma construtora focada em construção de luxo vai responder a esse problema. Tem sido também utilizado o argumento de que haverá cedências de terrenos para a conclusão dos 400 hectares do Parque Metropolitano da Biodiversidade, no entanto a custo da destruição de uma parcela igual de floresta”, dizem ainda os contestatários do empreendimento. ■

7 DIAS

PS MONTIJO APRESENTOU CANDIDATOS ÀS AUTÁRQUICAS

A concelhia de Montijo do PS já tem todos os candidatos definidos para as autárquicas. Entre os nomes aprovados pela Comissão Política Concelhia destaque para Ricardo Bernardes para a câmara montijense, Catarina Marcelino para a Assembleia Municipal, Maria Fernanda Fernandes para a União das Freguesias de Montijo e Afonsoeiro e Bruno Silva para a União das Freguesias de Atalaia e Alto Estanqueiro-Jardia.

JOÃO PEDRO FIGUEIREDO É O CANDIDATO DA CDU NA MOITA

A CDU (PCP/PEV) anunciou quarta-feira que João Pedro Figueiredo será o candidato à câmara da Moita. Para a



Foi inaugurado domingo o Centro de Atividades Ambientais e Desportivas, junto à Lagoa de Albufeira em Sesimbra. O novo espaço inseriu-se numa ampla operação de valorização da margem Sul da lagoa.

concelhia local do partido, o nome de João Pedro Figueiredo é o “início da construção coletiva e alargada

de listas em que se pretende retomar a gestão de todos os órgãos autárquicos do concelho”.

A **MÉDICA** de saúde pública da Unidade Local de Saúde da Arrábida, Valentina Lutsiv, revelou na quarta-feira que já houve 23 casos de hepatite A registados em Setúbal desde 2 de dezembro, mas considerou que a “situação está controlada”. “Neste momento, a curva epidémica já está a decrescer. A maior parte dos casos tem evoluído favoravelmente, acrescentou em conferência de imprensa no Hospital de São Bernardo, em Setúbal.

O **GD FABRIL** e o GD Sesimbra anunciaram esta semana a saída dos seus treinadores das equipas principais. Do emblema do Barreiro sai Sérgio Boris, que tinha regressado ao clube em setembro. Já em Sesimbra, Élio Santos deixa o clube “pexito”, depois de ter sido campeão da II Distrital e ter subido de divisão.



É um problema do Estado.

A câmara não foge às responsabilidades, mas não vai assumir a dos outros

Inês de Medeiros, Presidente da câmara de Almada, sobre a responsabilidade do IHRU nos realojamentos do Bairro Penajoia.

Chove dentro do edifício da esquadra da polícia do Pragal

Polícias apontam para o bolor nas paredes e dizem que a sua saúde corre riscos. Em janeiro foram transferidos quase 30 polícias do Laranjeiro. Ainda ninguém sabe qual o destino desta esquadra. De momento só já recebe participações.

QUASE três dezenas de efetivos da esquadra da PSP do Laranjeiro foram transferidos, no final de Janeiro, para a do Pragal, que também funciona como sede da Divisão do concelho de Almada. A medida, contestada internamente, ganhou piores contornos quando foi revelado que o edifício para onde foram transferidos não tem, em determinadas áreas, condições de habitabilidade devido às inúmeras infiltrações de água e surgimento de fungos nas paredes.

“Existe uma clara possibilidade de os polícias que fazem serviço no Pragal contraírem doenças respiratórias, infeções diversas. No terceiro piso, nas salas que servem de vestiários e também nas casas de banho, as infiltrações são visíveis em todas as paredes. As janelas não vedam o vento nem a água. Trata-se de uma situação que não é nova, mas que se agravou nos últimos tempos devido às condições climáticas mas, também, ao aumento do número de pessoas que passaram a frequentar o local”, explicou ao Semmais o presidente do Sindicato dos Profissionais da Polícia (SPP), Paulo Macedo.

O sindicalista adiantou ainda que este problema que agora foi divulgado “há muito que é conhecido no Ministério da Administração Interna (MAI)”: “Relativamente a esta situação, o ministério nada diz. Os res-



ponsáveis apenas dão a entender que conhecem esta e outras realidades igualmente graves mas, de facto, o que concluímos é que estão totalmente desfasados da realidade. Falam de obras, de novas instalações mas a verdade é que não acontece nada. Também não temos qualquer informação prestada pelo Comando Distrital de Setúbal”.

Paulo Macedo refere, por outro lado, que a retirada de quase 30 efetivos do Laranjeiro acabou por ser uma surpresa geral. “Diziam que não ia acontecer, que a esquadra não iria fechar. De facto, a esquadra ainda não fechou. Ainda lá permanece algum pessoal, que se limita a receber par-

ticipações. Neste momento, para acorrerem a qualquer solicitação de rua ocorrida no Laranjeiro, os polícias partem do Pragal, utilizando os carros que estão afetos a esta esquadra. Já perguntámos se a do Laranjeiro vai encerrar, mas não obtivemos qualquer resposta. Transferiram o pessoal para a o comando da Divisão, mas para além de não se terem preocupado com as questões de salubridade do edifício, nem sequer criaram estacionamento suficiente para todos os que ali se dirigem diariamente”, disse.

O presidente do SPP considera também que a operacionalidade policial perante situações de criminalidade com que se depara

a população pode estar comprometida uma vez que aumenta o tempo de deslocação das viaturas e cria-se em algumas zonas o sentimento de impunidade devido à ausência de polícias.

O nosso jornal contactou também uma fonte da Direção Nacional da PSP, a qual disse que “a polícia, tal como a maior parte das instituições do país, passa por grandes dificuldades económicas”. “As más condições do Pragal são conhecidas e certamente que serão corrigidas. Só não sabemos quando. Quanto ao futuro da esquadra do Laranjeiro desconheço qual possa ser”. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO



ERT leva formação ao Litoral Alentejano

A ENTIDADE Regional de Turismo do Alentejo (ERT) apresentou, terça-feira, o projeto de Formação para o Litoral Alentejano, desenvolvido pelo Turismo de Portugal (TP) e destinado às unidades de alojamento da região.

De acordo com o comunicado enviado à nossa redação, as ações de formação vão realizar-se na Escola de Hotelaria de Setúbal e nas próprias empresas, estando previsto que arranquem ainda este mês. Segundo a mesma fonte, o projeto prevê formação de trabalhadores em diferentes áreas como Comunicação e Acolhimento e Restauração.

“A formação é um dos pilares da estratégia de valorização do turismo do Alentejo Litoral e é com o intuito de reforçar a nossa atuação nesta matéria que temos vindo a trabalhar com o Turismo de Portugal e com os empresários. Apresentámos hoje (terça-feira), às empresas, o projeto de Formação para o Litoral Alentejano, com foco nas unidades de alojamento localizadas no eixo Troia-Melides, e esperamos uma adesão generalizada”, destacou José Santos presidente da ERT, na cerimónia que se realizou no Sublime Comporta.

Na mesma linha, Catarina Paiva, vogal do Conselho Diretivo do TP, destacou a importância da formação e o impacto que esperam que estas ações tenham no setor localizado no Litoral Alentejano: “O Turismo de Portugal continua comprometido em desenvolver soluções de formação adaptadas às necessidades das empresas, dos profissionais e dos territórios. Num período marcado por muitos desafios ao nível da atração, fidelização e capacitação dos recursos humanos, através deste Projeto de Formação para o Litoral Alentejano, que agora iniciamos, será dado um novo impulso à capacitação dos profissionais desta região, que eleve cada vez mais os patamares de excelência na “arte da hospitalidade”. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Críticas ao custo das viagens entre Setúbal e Troia sobem de tom

O AUMENTO do preço da travessia entre Setúbal e Troia reforçou as críticas à concessionária Atlantic Ferries. Desde o passado dia 23 que o bilhete ficou mais caro dez cêntimos para passageiros e 60 cêntimos para veículos. A maior subida (2,80 euros) verificou-se no passe mensal que está agora nos 99,30 euros.

O assunto parece não estar esquecido pela Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT) que emitiu um parecer a defender a renegociação do contrato de concessão e a inclusão da travessia no Navegante.

“Como medida imediata com impacto positivo nos utilizadores do serviço de transporte em referência, sem comprometer o nível de rendimentos contratualizado com a Atlantic Ferries, será de ponderar a inclusão do serviço entre Setúbal e a península de Troia, no sistema tarifário Navegante”, lê-se no documento.

André Martins, presidente da câmara de Setúbal, juntou-se novamente às críticas e saúda o parecer da AMT: “Já tínhamos explicado ao anterior ministro das Infraestruturas e ele próprio considerou que esta era uma situação que tinha de ser ultra-

passada. Além dos preços praticados, um particular tem uma concessão de serviço de transporte fluvial público. É necessário encontrar uma solução justa e tem de ser tomada uma decisão política. Continuamos esta luta, e este parecer vem reforçar a nossa posição”. Recorde-se que o edil, juntamente com os homólogos de Grândola e Alcácer, tem defendido a renegociação da concessão para uma empresa pública e que a travessia seja incluída no Navegante.

Questionada pelo Semmais sobre a problemática em causa, a empresa não respondeu. No

entanto à SIC, a Atlantic Ferries referiu que não pode “descolar os encargos associados ao contrato de concessão do serviço público de transporte fluvial”, destacando que é “um dos poucos operadores em Portugal que não tem acesso a indemnizações compensatórias”, pelo que “as tarifas têm de refletir essa realidade”. “A atualização dos preços prevista traduz a necessidade de refletir o aumento de custos da operação, estando alinhada com a inflação”, concluiu. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Passageiros aumentaram 30%, comboios reduziram tamanho

REPRESENTANTES da Comissão de Utentes dos Transportes da Margem Sul estiveram na manhã desta sexta-feira na estação ferroviária do Pragal, Almada, para darem conta aos passageiros das diligências que têm realizado de modo a minorar os efeitos causados pela diminuição do tamanho das composições em circulação. Querem, para além de uma nova estratégia para todos os transportes, que a CP coloque mais carruagens a circular na linha que une Lisboa a Setúbal.

“A partir de Coina é o Inferno”, disse ao Semmais a representante da Comissão, Aurora Almeida. “Setúbal ficou a ganhar com os novos horários e tem de se enaltecer a intervenção do presidente da câmara da cidade, que lutou pelo bem-estar dos munícipes. No entanto, mesmo havendo mais composições, a verdade é que alguns comboios passaram de oito para quatro carruagens. Enquanto isso o número de passageiros aumentou 30%. As pessoas que tentam embarcar em hora de ponta estão agora sujeitas a não entrar ou a sofrerem, como tem



IMAGEM SEMMAIS

acontecido, problemas de saúde devido à sobrelotação”, adiantou.

Sem saída à vista por parte da Fertagus, que não é dona dos comboios, os utentes pretendem agora que o Governo mande a CP reforçar o número de carruagens ou que implemente novos horários, diminuindo o tempo de partida entre os comboios.

De acordo com Aurora Almeida, os utilizadores querem, sobretudo, que seja revista toda a política relativa aos transportes na Margem Sul. “O que

constatamos é que para além da situação insustentável da ferrovia, temos também inúmeras falhas nos transportes marítimos, com carreiras suprimidas diariamente no Barreiro e no Seixal. Nos rodoviários é essencial que voltem existir faixas Bus em Almada e na Ponte 25 de Abril, pois só assim as deslocações serão mais rápidas e os passageiros poderão distribuir-se por todo o tipo de transportes”. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

Privados querem investir na saúde

SEM FUMO branco para o avanço da construção do hospital público no Seixal, os privados demonstram cada vez mais interesse em investir no setor. O anúncio mais recente partiu da Luz Saúde, que pretende aplicar mais 50 milhões numa unidade hospitalar no conselho.

Segundo o Expresso, o projeto deverá surgir num terreno na freguesia de Corroios e o grupo já avançou com o pedido de licenciamento à câmara. “A única coisa que posso dizer é que existe efetivamente um projeto para a construção de uma unidade hospitalar entregue pela Luz Saúde que está a ser analisado e terá uma resposta”, confirmou ao Semmais Paulo Silva, presidente da autarquia.

Em cerca de três anos, este é o segundo investimento privado previsto para o Seixal, depois de em 2022, a CUF também ter mostrado intenções de avançar. O projeto inicial em Cruz de Pau foi recusado, mas o grupo continua interessado, agora em Casal do Marco. “Vou reunir brevemente com a Luz Saúde, bem como com a CUF, para analisarmos as questões pendentes dos dois processos”, revela o autarca. ■

TEXTO DAVID MARCOS

PUBLICIDADE



O METRO VAI CHEGAR À COSTA DA CAPARICA E À TRAFARIA!

Queremos ouvir a sua opinião. Participe!

CONFERÊNCIA DE APRESENTAÇÃO

~ 10 FEV 18h

Auditório do Uninova da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Monte de Caparica

+ INFO



ENTRADA LIVRE

SESSÕES DE PARTICIPAÇÃO PÚBLICA

Venha dar a sua opinião

~ 20 FEV 18h30

Casino da Trafaria

~ 21 FEV 18h30

Costa da Caparica - INATEL

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

~ 6 MAR 18h30

Auditório do Uninova da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Monte de Caparica

Apresentação de resultados das sessões de participação pública

cm-almada.pt

Organizado por: NOVA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

REPÚBLICA PORTUGUESA

transportes metropolitanos de lisboa

ALMADA

metro

INICIATIVA MUNICIPAL DECORREU NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS

Moita recolheu 43 toneladas de resíduos perigosos

Equipamentos elétricos, eletrónicos, pilhas e lâmpadas eram deixados na via pública colocando em causa o ambiente e a saúde pública.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

EM APENAS dois anos (2023 e 2024) o município da Moita recolheu quase 43 toneladas de resíduos de equipamentos elétricos e eletrónicos (REEE). Trata-se de uma iniciativa municipal que visa não só melhorar a saúde pública, diminuindo as probabilidades de contaminação devido à deposição dos materiais poluentes nas ruas, como também contribui para a melhoria do ambiente.

A vice presidente da autarquia, Sara Silva, que tem também o pelouro dos Resíduos e Ambiente Urbano, explicou ao Semmais que existem apenas dados relativos aos dois últimos anos, uma vez que anteriormente ainda não estavam disponíveis no concelho os locais de deposição. Só há dois anos foi celebrado com a Eletrão o protocolo que agora permite a recolha dos REEE e também de pilhas, acumuladores, tinteiros, toners e lâmpadas para um operador de resíduos devidamente licenciado.

“Os resíduos são encaminhados através da Eletrão que, por via de um operador licenciado, garante que os equipamentos são recolhidos, reutilizados ou corretamente tratados quando já chegaram ao final da vida útil”, adiantou a autarca, salientando



ainda que ao longo do ano são efetuadas “campanhas de informação e sensibilização dirigidas à população”. “O município também disponibiliza regularmente informação sobre a recolha seletiva deste fluxo de resíduos, formas de acesso e resultados da parceria”, acrescentou. Através dessa informação sabe-se então que em 2024 foram recolhidos 24.138 quilos de REEE e em 2023 o peso total foi de 18.751 quilos.

“Para 2025 o município não prevê a instalação de novos locais de deposição pois, para além da recolha porta-a-porta para grandes eletrodomésticos, já

existem pontos a funcionar nos quatro bairros do município. Podem ser entregues pilhas nos dois Pontos Eletrão no Mercado Municipal da Moita e na Piscina Municipal de Alhos Vedros, bem como nos oito ecocentros móveis onde podem ser depositados resíduos de pequenos equipamentos elétricos, eletrónicos ou outros. Mas, para além destes serviços que são responsabilidade da câmara, existem outras entidades aderentes à recolha Eletrão, como escolas, Bombeiros Voluntários da Moita e a Amarsul. Também em alguns estabelecimentos comerciais é

possível entregar REEE fora de uso”, acrescentou Sara Silva.

A autarca sublinha, por fim, que antes deste protocolo os REEE eram depositados na rua, juntamente com os chamados “monos”, situação que poderia causar problemas de salubridade. “Havia o perigoso de dispersão de materiais altamente poluentes e perigosos pelo ambiente”, afirma. Entre os materiais mais comuns contam-se os circuitos de refrigeração contendo gases com o efeito de estufa e diversos componentes contendo mercúrio e outros metais pesados. ■

Grândola investe na Silha do Pascoal

AVANÇOU em janeiro a empreitada de beneficiação da estrada e arruamentos da zona da Silha do Pascoal, no concelho de Grândola, um investimento municipal superior a 1,4 milhões de euros. “Esta obra era há muito reivindicada pela população já que, além do piso da faixa de rodagem em muito mau estado, a via apresenta má drenagem, bermas, passeios e estacionamentos degradados, sinalização inexistente e falta de equipamentos de segurança”, explica o gabinete da presidência da autarquia ao Semmais.

O projeto contempla a intervenção num troço de 2,0 Km da Estrada da Silha do Pascoal e de 0,68 Km na Rua Cesário Verde. Prevê-se assim que a via fique com uma faixa de rodagem de 4,50 metros de largura no troço não urbano e bermas pavimentadas com 0,50 metros de largura de cada lado. No troço urbano a faixa de rodagem ficará com 5,10 metros de largura e passeios com 1,25 metros de largura de cada lado. A obra prevê ainda “a construção de novo pontão, drenagem pluvial, pavimentação, sinalização, passeios, estacionamentos e lombas reductoras de velocidade”.

Na resposta ao nosso jornal, a autarquia grandolense destaca que este investimento vem na sequência de outros semelhantes realizados ao longo deste mandato. “Temos procurado, dentro da disponibilidade financeira, reparar as estradas que estavam mais degradadas, pavimentar as ruas da vila e dos bairros limítrofes em pior estado, e os caminhos rurais das zonas periurbanas do nosso concelho. A requalificação, já concluída, de três estradas estratégicas – do Viso, 560 mil euros, Sobreiras, 3 milhões e a de Aldeia do Pico/ Brejo Mouro/ Palhotas, 1 milhão – e a requalificação de uma das importantes avenidas do nosso concelho, a Avenida Jorge Nunes, traduz -se num investimento de 4 milhões”, reitera a mesma fonte.

Neste momento estão a ser reabilitadas a estrada municipal de acesso à Cilha do Centeio (279 mil euros), a EM 543 - troço Aldeia da Justa - entroncamento dos Cadoços (1 milhão), a estrada da Aldeia do Pico (229 mil euros), a municipal da Boavista (369 mil euros) e a Rua Nova de Melides (810 mil euros).

Câmara de Santiago espera que IP requalifique vias paralelas ao IP8

A CÂMARA de Santiago do Cacém espera que as Infraestruturas de Portugal (IP) concretizem a melhoria nos caminhos paralelos ao IP8, dado que as obras, a decorrer entre o nó de Roncão e Relvas Verdes, com vista à duplicação daquele troço e constituição para o perfil de autoestrada tem provocado constrangimentos a moradores e proprietários.

“O nosso desejo é que os problemas sejam resolvidos. Esperamos que sejam de facto muito ágeis a ir para o terreno e a resolver rapidamente essas questões. Estamos a falar de situações em

que as pessoas se encontram praticamente impedidas de aceder às suas casas e propriedades”, diz ao Semmais o presidente Álvaro Beijinha.

Esta reação do autarca, que tem acompanhado de perto a situação e que já pediu uma reunião “com caráter de urgência” ao secretário de Estado das Infraestruturas, Hugo Espírito Santo, surge na sequência da resposta da IP à Lusa sobre as referidas queixas. Segundo a entidade a “melhoria dos acessos às habitações terá de ser, necessariamente, articulada” com a câmara “e au-

toridades competentes”. Para tal, estão a ser “equacionadas várias soluções” que “poderão passar pela otimização, sempre que possível, dos caminhos paralelos/restabelecimentos previstos em obra ou, em alternativa, à celebração de acordos/parcerias com a autarquia para o mesmo efeito”.

Sobre estas declarações, Álvaro Beijinha manifestou-se “surpreendido por ver a reação da entidade na comunicação social”, dado que, quando falou com o nosso jornal, não tinha recebido qualquer atualização ou contacto sobre o assunto: “No entanto,

saúdo que tenham reconhecido os problemas”.

Esta questão motivou, inclusivamente, uma manifestação de membros da autarquia, moradores e proprietários, no último sábado. Nelson Gamito Pereira, um dos promotores da iniciativa, reiterou que “ninguém está contra a execução da autoestrada, nem contra o construtor” e que a única preocupação está em não se conseguir “perceber em que estado vão ficar os acessos às casas e terrenos”.

TEXTO DAVID MARCOS

TEXTO DAVID MARCOS



REQUALIFICAÇÃO DA RUA ENG^o HENRIQUE CABEÇADAS TRAZ MAIS ESTACIONAMENTO

OBRA REFORÇA MOBILIDADE EM SETÚBAL

A intervenção faz parte da estratégia municipal de criação de um anel de mobilidade entre as avenidas dos Ciprestes e Rodrigues Manito

■ A Câmara Municipal de Setúbal inicia no primeiro trimestre obras de requalificação na Rua Eng^o Henrique Cabeçadas, no Bairro do Liceu, que visam o reforço da mobilidade para todos.

A intervenção faz parte da estratégia municipal de criação de um anel de mobilidade entre as avenidas dos Ciprestes, onde decorrem obras atualmente, e

António Rodrigues Manito, incluindo a Avenida de Moçambique, com benefícios para a melhoria da circulação na cidade. O reperfilamento da Rua Eng^o Henrique Cabeçadas, adjudicada pelo valor de 794 mil e 895,30 euros, IVA incluído, à Constradas – Estradas e Construção Civil, S.A., contempla a reestruturação da rede pedonal e ciclável, com a criação de

circuitos mais amplos e seguros para reforçar as condições de fruição do espaço público. O parque de estacionamento existente na rua aumenta a capacidade, ficando com 400 lugares, o que possibilita o seu uso para deixar a viatura pessoal e prosseguir de autocarro para o centro da cidade ou outro local.

Esta função de parque de reba-

timento é ainda benéfica para, durante a época balnear, reduzir o tráfego automóvel em direção às praias da Arrábida, utilizando o transporte público. Está, igualmente, programada a execução de uma ciclovia adjacente ao Parque Urbano da Várzea e a respetiva ligação à futura ciclovia a construir na Avenida de Moçambique.

A rotunda existente na inter-

secção com a Avenida de Moçambique será mantida e as intervenções a realizar numa fase posterior neste arruamento, no âmbito de uma empreitada que se encontra em fase de adjudicação, num investimento superior a 500 mil euros, contemplam a execução de uma nova rotunda de intersecção com a Avenida António Rodrigues Manito.

NOVO PDM EM VIGOR

■ O novo Plano Diretor Municipal de Setúbal está em vigor desde 29 de janeiro, com a publicação do aviso correspondente em Diário da República. Após um longo período de trabalho técnico e formal, que envolveu diversas entidades e parceiros públicos e privados,

o PDM de segunda geração do concelho de Setúbal incorpora inovações significativas na gestão do território, com uma visão estratégica que dá prioridade à regeneração e revitalização urbana, aliada a uma forte proteção ambiental.

O documento tem, igualmente,



O município de Setúbal aposta na sustentabilidade do território

a preocupação de criar um sistema de incentivos fiscais e urbanísticos destinados à promoção de projetos que concretizem a estratégia municipal. Setúbal é uma das 126 câmaras municipais, entre as 278 de Portugal Continental, que fizeram a revisão e concluíram o respetivo Plano Diretor Municipal no prazo determinado pelo Governo.

CHEGOU A EXISTIR UMA FROTA E UMA FÁBRICA DE DESMANCHE NA MITRENA

Há 70 anos a carne de baleia era um pitéu para os setubalenses

Caçadas estendiam-se de Setúbal a Sines e incluíam uma grande variedade de cetáceos. Óleos mais nobres eram exportados para a Alemanha, mas nas lojas da cidade vendia-se a carne que era muito apreciada. Hoje florescem empresas de observação. Os binóculos substituíram os arpões.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

PARA os menos familiarizados com a vida do mar, ouvir falar de caça à baleia na faixa costeira que se estende de Setúbal a Sines pode parecer apenas ficção. Não é. Na primeira metade do século passado, primeiro na década de 1920 e posteriormente entre os anos de 1947 e 1954, a caça de cetáceos era uma atividade com expressão, que empregava dezenas de pessoas, movimentava vários navios específicos e até alimentava o comércio local, para além de ser uma importante fonte de entrada de divisas em virtude da importação de algumas partes das baleias.

“Ainda hoje vejo os olhos da minha avó a brilharem de cada vez que ouvia falar de carne de baleia”, diz Diogo Ferreira, autor de uma tese de doutoramento intitulada “Setúbal, República do Pós-Guerra e a Ditadura militar”. “Os olhos dela brilhavam de cada vez que, em conversas, vinha à baila a carne de baleia e as lojas que a comercializavam na cidade. Era, presumo, uma iguaria apreciada e que foi vendida em diversos estabelecimentos”, conta ao Semmais o académico que fez um levantamento sobre a caça à baleia nas águas do litoral do distrito mas que, em certas ocasiões, fez com que as embarcações chegassem a dirigir-se para os Açores.

Estava-se em fevereiro de 1924 quando o Estado fez um despacho a autorizar a captura, transformação e venda de cetáceos na costa portuguesa. É na sequência dessa permissão que surge a Sociedade Portuguesa de Pescas de Cetáceos, empresa que escolhe Setúbal e as margens do Sado para se sediar. Na Mitrena, numa área também conhecida por Cachofarra, ocupando uma frente de rio com cerca de 320 metros, surge a Fábrica das Baleias de Santa Catarina. Havia, dizem os registos



históricos guardados na área museológica da câmara de Setúbal, equipamento específico para manter a atividade industrial ativa, nomeadamente gruas, aparelhos para retirar os óleos dos animais, guinchos e até uma panóplia de utensílios destinados a transformar as carcaças em farinha.

Os cetáceos, esses era capturados por barcos a vapor

como o “Fogo”, o “Sibaldi” ou o “Músculos”. Arrastados ao lado das embarcações vinham não só as baleias-comuns (as segundas maiores do mundo, só suplantadas pelas azuis, que chegam a atingir 26 metros de comprimento), mas também diversas espécies de golfinhos, orcas ibéricas, cachalotes, roazes, botos, baleias anãs e grampos. Na costa nacional

registou-se então, de acordo com os dados do ICNF, a existência de 23 espécies de cetáceos. Este será um número ainda atual mas, entre todas, 11 já estão inscritas no Livro Vermelho dos Vertebrados (o que significa que correm riscos de sobrevivência) e duas, a baleia anã e o roaz, que são mesmo das mais ameaçadas nas costas europeias.

PROCURA PELAS INDUSTRIAS DE FARMACÊUTICA E COSMÉTICA

Os baleeiros da Sociedade Portuguesa de Pescas de Cetáceos terão arpoado, em três anos, 408 baleias e 54 cachalotes. Estes animais terão sido responsáveis pela produção de mais de 2.000 toneladas de óleo, o qual era então utilizado como combustível para as candeias, mas também no fabrico

IMAGENS DR



IMAGENS DR

Proliferam as empresas de observação

Nos últimos anos a costa de Setúbal viu florescer dezenas de negócios associados à pesca desportiva e, sobretudo, à observação de cetáceos. Os golfinhos, por terem uma comunidade residente no Sado, são a principal atração. No entanto, no Atlântico, dizem os empresários, são cada vez mais os avistamentos de baleias comuns e outras espécies. “No verão surgem muitos estrangeiros que querem ver baleias. E cada vez há mais. Avistam-se baleias comuns, sardinheiras, anãs e piloto. É natural que assim seja, pois no espaço entre Setúbal e Cascais temos a foz do Sado e do Tejo. São dois estuários que arrastam muitos nutrientes e que, portanto, acabam por transportar muito alimento para os cetáceos”, disse ao nosso jornal Luís Martins, da empresa sesimbrense Batnavó. Já Mariana Caldeira, da Vertente Natural, refere que os avistamentos de cetáceos são cada vez mais frequentes, sobretudo no verão: “O nosso pessoal tem sido surpreendido várias vezes. Podemos observá-las próximo da costa, o que é muito bom para o negócio, uma vez que há cada vez mais gente interessada. Os golfinhos são os mais requisitados, mas é bom saber que a nossa costa tem uma variedade de fauna variada”.

do sabão e como lubrificante. Hamburgo, na Alemanha, foi o principal destino das exportações, sobretudo do espermacete, o óleo que se acumulava no crânio das baleias e que tinha grandes aplicações nas indústrias farmacêutica e de cosmética.

Em 1927, no entanto, a caça começa a reduzir e um ano depois, por se ter concluído que o negócio já não era viável, a empresa fechou. Fechavam assim as instalações industriais que haviam sido edificadas na Cachofarra e outras que entretanto surgiram em Troia.

Em Sesimbra, onde a atividade empregou também algumas pessoas (embarcadas), o que resta são, segundo disse ao nosso jornal a coordenadora e arqueóloga do Museu Marítimo, Andreia Conceição, alguns arpões, no museu municipal, doados pelos herdeiros da empresa norueguesa que ali laborou, e também as memórias registadas na toponímia da vila.

Foram precisos mais 16 anos para que a caça à baleia e outros cetáceos voltasse a ser falada no distrito. Em Setúbal surge a Francisco Marcelino dos Reis, empresa que até 1951 terá sido responsável pela captura de mais 299 baleias comuns. Depois, tal como acontecera no reinado de Dona Maria Pia, a atividade começou a ser contestada popularmente. As licenças foram sendo revogadas e, finalmente, a atividade foi proibida (1960). Caçar cachalotes ou baleias passou a ser tarefa admitida até à década de 1980, nos Açores.

Foi este o último ato de uma atividade centenária no continente. Os registos mais antigos que se conhecem dão conta da captura de cetáceos em 1247 (D. Dinis) entre Sesimbra e Sines, e referem também que no reinado de D. Afonso III já a sua ucharia (despensa) teria guardado, em 13 anos, 2.658 postas de baleia. ■



Pesca do espadarte à espreita em Sesimbra

Empresas locais de pesca desportiva dizem que o número de exemplares está a aumentar e que, em conjunto com atividades de observação de cetáceos, a sua captura pode dinamizar a economia local.

A CAPTURA de espadartes ao largo de Sesimbra é uma atividade que deixou de ser praticada ativamente há mais de uma década. No entanto, de acordo com os organizadores de surtidas piscatórias, poderá entrar novamente nos hábitos locais. É que são cada vez mais os exemplares dos peixes que, na década de 1950, estiveram na origem do grande incremento turístico do concelho.

“O que notamos é que, em profundidade, há cada vez mais ataques de espadartes aos pargos e douradas e outros peixes que os nossos clientes têm presos nos anzóis das suas canas. Para já ainda não estamos a organizar saídas para a pesca do espadarte, mas essa é uma ideia que equacionamos”, diz ao Semmais Luís Martins, da empresa Batnavó, confirmando desse modo o interesse generalizado na vila de que o regresso da antiga atividade pode ser benéfica para a economia local.

Os arquivos municipais, onde restam alguns documentos que falam da importância da faina em Sesimbra, têm algumas referências ao espadarte. Uma delas é a de que terá sido este peixe,

ainda na primeira metade da década de 1950, a levar até ao concelho um grupo de médicos residentes em Lisboa, mas que tinham como um dos principais hobbies a captura de grandes exemplares.

Terá sido devido às grandes pescarias de espadartes naquelas águas que acabou por nascer a primeira unidade de alojamento da vila, precisamente a Pensão Espadarte. Era nos seus 60 quartos que então pernoitavam os tais médicos oriundos da capital e que terão impulsionado a atividade, mas também muitas pessoas vindas propositadamente de países do Norte da Europa. As célebres pescarias de Sesimbra eram, invariavelmente, publicitadas com fotos de grandes exemplares pendurados com cordas na chamada forca, que era uma estrutura de madeira instalada em frente à Pensão (que entretanto passou a hotel) e junto à qual também posavam os autores das façanhas piscatórias.

Até abril de 1974 as pescarias de espadartes em Sesimbra mantiveram-se no auge. No entanto, em consequência da Revolução, chegaram à vila inúmeras pessoas fugidas das

antigas colónias africanas. Os retornados, como então ficaram conhecidos, foram sendo distribuídos por onde havia lugar e, naquela vila, o Hotel Espadarte, propriedade do médico José Pinto Braz, acabou por ser um dos locais escolhidos. “Quebrou-se o fluxo turístico”, dizem agora técnicos municipais, lembrando que o proprietário do estabelecimento acabou mesmo por transferir a empresa que liderava para a Madeira.

O Hotel Espadarte, já sem a procura dos muitos pescadores daquela espécie, acabou por ser vendido em 1983. Funcionou durante mais sete anos e depois encerrou. No seu lugar surgiu, entretanto, uma outra unidade de alojamento. Já não existe a forca nem registos das pescarias de outrora. Resta a vontade dos promotores de pesca turística em retomar uma atividade que passou a ser uma espécie de memória armazenada no museu municipal. “A pesca do espadarte e a observação de cetáceos, nomeadamente das baleias que cada vez surgem em maior número nestas águas, podem ser muito bons para Sesimbra”, conclui Luís Martins. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

INVESTIMENTO DE 650 MILHÕES DE EUROS DA GALP JÁ ESTÁ EM MARCHA

Sines recebe reatores para produção de biocombustíveis avançados

TEXTO DAVID MARCOS

TRÊS REATORES da nova unidade de biocombustíveis avançados da Galp chegaram ao porto de Sines no fim do ano passado e, a partir de 2026, passam a produzir combustíveis para o setor da aviação e gasóleo de origem biológica.

Em comunicado, a administração portuária disse que a chegada dos equipamentos “assinalada um marco no projeto da transformação da refinaria”, que integra um “projeto pioneiro em toda a Europa”, estando em vista a concretização da primeira unidade de produção de biocombustíveis avançados. Pertence ainda a este plano a instalação de uma unidade de produção de hidrogénio verde à escala industrial, igualmente em construção na refinaria de Sines.

“Estes projetos, dois dos maiores desta natureza, representam um investimento global de 650 milhões.

Além da unidade de biocombustíveis avançados, que deverá produzir 270 mil toneladas por ano, projeto contempla a instalação de uma unidade de hidrogénio verde, com uma produção estimada de 15 mil toneladas.

Trata-se de um contributo significativo para a transformação e o crescimento do setor industrial em Portugal, colocando a Galp na vanguarda do desenvolvimento de soluções de baixo carbono imprescindíveis para



IMAGEM DR

a transição energética”, afirmou Filipe Silva, presidente executivo da Galp, citado no referido documento.

O mesmo texto revela que a unidade de hidrogénio verde representa um investimento de 250 milhões e que terá “a capacidade de 100 MW de eletrólise e produzirá até 15 mil toneladas de hidrogénio renovável por ano”. Já a unidade de biocombustíveis avançados mobiliza um investimento de 400 milhões e terá a capacidade “de produção de 270 mil toneladas por ano”, sendo desenvolvida em parceria com a empresa japonesa Mitsui.

“Esta unidade irá receber óleos vegetais e gorduras animais devidamente tratadas e transformá-las em combustível utilizado na aviação e em gasóleo de origem biológica com características idênticas ao gasóleo utilizado nos motores de combustão. É no interior destes reatores que se processará essa reação química, pela injeção de hidrogénio e aumento da pressão e da temperatura”, explica a administração portuária.

FASE DE CONSTRUÇÃO CRIA MAIS DE 700 EMPREGOS

O projeto das duas unidades, segundo o mesmo comunicado, deverá empregar, na fase de construção, cerca de 750 trabalhadores “em termos médios” e 1.150 “no pico”. A APS avança ainda que durante a fase de operação vão ser criados “76 postos de trabalho”.

Com um peso combinado superior a 500 toneladas, os três reatores em aço maciço, produzidos em Itália, foram transportados do terminal de contentores do porto para a Refinaria da Galp através de um sistema de módulos motorizados que, no caso do maior dos três reatores, o VO-R-1B, era constituído por 18 eixos e 72 rodas.

“Esta foi uma das cargas mais pesadas movimentadas no porto de Sines e no Terminal XXI, operado pela PSA Sines. Esta operação de elevada complexidade, tendo em conta a natureza e próprias dimensões da carga, vem atestar a capacidade do porto para a movimentação de carga de projeto, garantindo elevados padrões de eficiência e operacionalidade”, refere a administração portuária. ■

Mercadona investe 250 milhões em inovação digital

A CADEIA de supermercados Mercadona, que já conta com cinco lojas no distrito, anunciou um investimento superior a 250 milhões de euros para implementação do Plano de Excelência Digital, através da Mercadona IT, uma aposta na inovação e transformação digital.

O investimento previsto a executar no período 2025-2028, permitirá à empresa, segundo o comunicado enviado à nossa redação, “continuar a avançar na reengenharia de projetos e na modernização dos processos que já foram digitalizados”, estando a Mercadona IT

a trabalhar atualmente “na modernização de 300 aplicações ou processos sujeitos a melhoria tecnológica”.

“Implementaremos tecnologias, arquiteturas e linguagens de vanguarda que nos permitam continuar a avançar em agilidade e eficiência para dar resposta às novas necessidades da empresa e dos nossos clientes, para os quais queremos continuar a ser uma referência no futuro”, afirma Patricia Tobía, diretora geral do Departamento de Informática da Mercadona, citada na referida nota. ■

TEXTO DAVID MARCOS



PUBLICIDADE

10º festival
enguia
da lagoa de santo andré

24 jan. a 09 fev. 2025

mostra gastronómica nos restaurantes

PILOTO DE PEGÕES SUBIU AO PÓDIO DO MAIOR RALI DO MUNDO

Alexandre Pinto brilha no Dakar

Ao volante de um buggy da Old Friend Rally Team, acompanhado pelo navegador Bernardo Oliveira, o piloto conquistou o 3.º lugar na competição realizada em janeiro.

TEXTO DAVID MARCOS

O PILOTO de Pegões, Alexandre Pinto, brilhou naquela que foi a sua estreia no Dakar, considerada a maior e mais longa prova de ralis no mundo. Ao serviço da Old Friend Rally Team, com o navegador Bernardo Oliveira, conseguiu o 3.º lugar ao volante do buggy e conquistou o sexto pódio português das 47.º edições da competição, realizada desde 2020 na Arábia Saudita.

“É uma prova muito técnica e com um nível de exigência muito elevado. Apesar da nossa preparação, sabíamos que a qualquer momento podíamos ter problemas ou surpresas, portanto a nossa preocupação era terminar a prova, sem problemas de maior”, disse Alexandre Pinto, quando questionado pelo Semmais sobre o grau de exatitudes.

Focada no objetivo inicial, a dupla portuguesa não mudou de rumo, nem mesmo quando começou a ficar mais na frente da tabela. “Sabíamos

que podíamos ter bons tempos, porque tivemos uma boa preparação em Marrocos, mas como éramos novatos e a prova é extremamente exigente nunca entramos em euforia. Os bons resultados começaram a aparecer logo de início e, inclusivamente, decidimos reduzir o ritmo na segunda semana, porque o nosso principal objetivo era terminar a prova”, reforçou o piloto.

ADVERSIDADES DA TRAVESSIA NOTURNA NO DESERTO

Dos cinco mil quilómetros da corrida, que ligaram em 12 etapas as cidades de Bisha e Shubaytah, por areia, pedras, cascalho e asfalto, Alexandre Pinto destaca momentos os difíceis vividos na sexta etapa. “Nesse dia tivemos de fazer 150 quilómetros de dunas à noite. As dunas, só por si, já são complicadas, durante a noite então pior. Foram momentos muito duros e onde tivemos de estar muito concentrados, porque



no Dakar estão sempre a aparecer perigos. Há que manter sempre o foco e não desistir. É muito fácil haver uma distração. A nossa preocupação era acabar o dia e não ficar a dormir no deserto, chegar todos os dias perto do próximo posto de assistência”, contou.

O foco de Alexandre Pinto e do companheiro está todo voltado para o Campeonato do Mundo da sua categoria, tendo já em vista o Dakar do próximo ano. “Costumamos fazer o Campeonato Nacional, mas este ano decidimos dar prioridade ao Mundial e vamos fazer de tudo para obter os

melhores resultados. Vamos fazer uma ou outra corrida no Nacional, mas não a competição completa. Também queremos fazer algumas provas em Marrocos, para não abandonarmos o deserto e estarmos preparados para a eventualidade do Dakar de 2026”, reiterou o jovem de 25 anos.

Para regressar à mais mítica competição de ralis, o piloto, além dos resultados na estrada, espera conseguir mais apoios e patrocínios. “Em Portugal é complicado, porque são desportos com pouca expressão. Temos de conseguir patrocinadores e mais apoios”, assume. ■

Club de Rugby de Setúbal ambiciona alcançar título nacional

A EQUIPA sénior da Academia Club de Rugby de Setúbal prepara-se para jogar a fase final do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, onde quer figurar entre os dois finalistas e disputar o título.

Ambição não falta ao emblema e quem o assume é João Terlim, presidente e treinador da equipa: “A partida para esta temporada o objetivo era, em primeiro lugar, chegar a esta fase decisiva. Agora olhamos com muita ambição e o grande desejo é chegar à final no Jamor e sermos campeões”.

Pela frente a equipa tem emblemas como o R.C. Santarém, o C.R. Évora, o C.D.U. Porto, o C.R. Arcos de Valdevez e o C.R. Tondela, arrancando esta fase este fim-de-semana com o emblema da invicta. “A mensagem que passamos aos jogadores é que cada jogo vai ser uma final. Sabemos das dificuldades, da qualidade dos adversários, mas o nosso

foco é este. Vamos disputar todos os jogos e queremos jogar para ganhar”, reitera o técnico.

As conquistas da equipa resultam do trabalho que há mais de uma década a Academia tem feito para ajudar a impor o rugby na cidade. O plantel reflete uma mistura de juventude e de experiências regionais e internacionais. “Procuramos fazer a transição de muitos dos nossos jovens da formação para a equipa, mas também colmatar o plantel com alguns jogadores nacionais e, em última caso, estrangeiros, em especial na Argentina”, explica o presidente da Academia.

Apesar de uma maior visibilidade da modalidade, em especial devido aos últimos feitos da seleção nacional, João Terlim diz que ainda existem desafios: “Têm de ser dados mais passos para mudarmos o paradigma do rugby no país. A maioria dos clubes são amado-

res. Trata-se de um desporto com muito desgaste físico, que obriga a muita preparação e dedicação. Em Setúbal temos tido algum apoio do município e de algumas empresas, mas precisamos de mais para concretizar alguns projetos. Gostávamos, por exemplo, de conseguir implementar uma receita que, pelo menos, fosse suficiente para pagar as propinas dos jogadores que estudam”, refere.

Para João Terlim, apesar dos desafios a modalidade condições para crescer. “Estamos a falar de um jogo inclusivo. Muitas vezes resume-se o rugby a um jogo de brutos. É verdade, mas é jogado por cavalheiros e todos conseguem jogar, desde o mais baixo ao mais alto, ao mais rápido ou mais lento, aos magrinhos ou mais gordinhos. Cada um encontra a sua função”, defende. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Polícia investiga furto no Bonfim

AS AUTORIDADES policiais estão a investigar o furto de cerca de 20 mil euros do cofre dos serviços administrativos do Vitória FC no Estádio do Bonfim, em Setúbal. Segundo o comunicado do emblema, o desaparecimento foi constatado segunda-feira, durante um “ato de gestão corrente, para apurar as verbas obtidas no fim-de-semana”, tendo a PSP sido chamada de imediato. No mesmo texto, o clube informou que os bares foram igualmente alvo de assalto. Este misterioso caso adensa-se já que o Vitória FC revelou que o acesso às suas instalações foi feito “sem recurso a danos ou violação”. “Terá sido alguém que sabia onde estava o dinheiro, porque quem entrou foi direto ao local”, adiantou Carlos Silva, presidente da Comissão de Gestão. ■

TEXTO DAVID MARCOS

MASCARENHAS-MARTINS ASSINALA UMA DÉCADA DE ATIVIDADE ARTÍSTICA



Companhia já colhe frutos da mudança do paradigma cultural

Fundada por Levi Martins e Maria Mascarenhas a estrutura profissional tem dinamizado a programação cultural do concelho e da Casa da Música Jorge Peixinho. Ao Semmais é feito o balanço do trabalho de uma década e desvendados os desafios.

ENTREVISTA DAVID MARCOS

Ao longo desta década, que relação conseguiram estabelecer com o público?

Houve, ao longo dos anos, um conjunto de pessoas que começou a acompanhar o nosso trabalho e que se fidelizou, mesmo sendo um trabalho pontual. Claro que a possibilidade de estarmos regularmente num espaço alargou imenso o público. Ou seja, para além das pessoas que já nos acompanhavam, houve outras que começaram a aderir à nossa programação e que às vezes espreitam os nossos trabalhos autorais. Mas, se calhar, há quem venha ver espetáculos e não nos conhecem. E está tudo bem, pois também fazem parte do nosso público potencial. O que sempre nos preocupou foi tentar que as relações fossem sérias e pensadas a longo prazo. Talvez isso não tenha levado a sucessos estrondosos do ponto de vista imediato, mas a verdade é que sinto que as pessoas que estão mesmo connosco estão de verdade.

Parece-me que um dos maiores legados da companhia é a relação institucional e associativa que tem aqui no Montijo. Concorda?

Conseguiu-se uma conjugação de fatores bastante exemplar, como com a câmara do Montijo, a União das Freguesias do Montijo e Afonsoeiro e as demais juntas. Isto demonstra que se conseguiu chegar a uma configuração que não é muito habitual e que alimenta a possibilidade de se fazer. Acho isso essencial, tal como a relação com outras entidades, como o Ateneu Popular do Montijo, ou a Sociedade Filarmónica de 1º de Dezembro. Por vezes só se fala do que foi feito e não das condições que o permitiram, que é um aspeto bastante importante, feito de for-

ma invisível ao longo de muitos anos, com reuniões, insistência, diálogos e alguns conflitos e dificuldades, que normalmente ficam omissas na história.

Que impacto teve na companhia o aparecimento da Casa da Música Jorge Peixinho?

A possibilidade de termos agora um espaço fortaleceu as relações com o público. Fez com que as pessoas estejam mais presentes e queiram acompanhar mais o nosso trabalho. Mas esse é um grande desafio em Portugal para uma estrutura de artes performativas, não só aqui, mas em todo o lado. A relação das pessoas com a cultura é muito frágil e as estatísticas demonstram isso. Portanto, o que metemos na cabeça, com a nossa teimosia e o nosso lado irrequieto, foi que íamos tentar fazer alguma coisa em relação a esse assunto. E acho que temos conseguido fazer algumas coisas.

Dez anos passados, como olham para a oferta cultural no Montijo e de que forma têm contribuído para promover o setor?

Verifico que nestes últimos dez anos houve, de facto, uma aposta muito clara em haver mais cultura, mais diversidade por parte da câmara e não só. Espero que tenhamos contribuído para isso. Sei que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para que houvesse mais e melhor e mais coisas a acontecer. Portanto, vejo de forma muito positiva estes dez anos no que diz respeito ao panorama cultural no Montijo, sendo que acho que podemos ir muito mais longe. Isto é o início, acho que se conseguiram plantar sementes que po-

dem vir a dar frutos muito interessantes no futuro. A existência de uma estrutura profissional ajuda a algumas decisões e a alavancar outras coisas. Noutras cidades isso aconteceu. A existência de uma estrutura profissional, na minha opinião, catapultou a política cultural para ter mais coisas a acontecer e mais diversidade.

Sentem que estão a colher já frutos deste trabalho?

Um dos frutos evidentes da nossa persistência, também na relação com as entidades públicas, foi o facto de ter surgido o convite para programarmos a Casa da Música Jorge Peixinho. Relaciono dois aspetos: o facto de termos trabalhado tantos anos nisto e de termos tido tantas reuniões com o anterior presidente da câmara, Nuno Canta, mas também com os sucessivos vereadores, alguns chefes de divisão, que levou a que houvesse uma confiança na estrutura e que a estrutura pudesse ser dotada de instrumentos, como um espaço, que permite ir mais longe.

Que objetivos têm a curto médio prazo?

Estamos a trabalhar e a investir muito na ação pedagógica, que diz respeito a atividades pensadas para os mais novos, para as escolas ou com componentes formativas. As crianças estão completamente disponíveis para ter relação com as artes, porque uma parte da aprendizagem dá-se na prática artística e elementar, dado que começam muito espontaneamente a dançar, a cantar, a inventar canções e a desenhar. Essa é uma aposta consciente e deliberada e que passa, também, por tentar que comecemos a trabalhar novos públicos. ■



Fotografias “Matéria Vibrante” convidam a refletir sobre reação das matérias

Exposição, inspirada na teoria da filósofa Jane Bennett, nasceu da observação e vivência da artista nas suas caminhadas em Barcelona e Madrid.

“MATÉRIA VIBRANTE” é a mais recente exposição fotográfica de Catarina Botelho que, patente até março na Galeria Municipal de Arte, em Almada, surge inspirada na teoria da filósofa Jane Bennett, sobre a vitalidade da matéria.

Partindo da reflexão em que os materiais são ativos e portadores de histórias e não simples objetos passivos de experiências, a mostra nasce da vivência e dos momentos de observação diária da artista. “Nasceu um pouco das minhas caminhadas por Barcelona, onde, além de Lisboa, também resido e é a minha segunda cidade, e por Madrid, onde estive bastantes meses. Nessas caminhadas acabei por estabelecer uma ligação a essas cidades e também uma procura por sinais, rastros, sintomas dos materiais, como se eles estivessem a reagir a passagens, vivências e corpos. Não sabemos o que aconteceu, mas aqueles materiais deixaram uma marca na matéria”, explica ao nosso jornal Catarina Botelho.

“As caminhadas e este pensamento sobre a matéria acabou por ir ao encontro de algo que ando a estudar há uns tempos, que é a invisibilidade das lésbicas e do corpo lésbico nos espaços das



IMAGEM DR

idades. Isto interessava-me na questão da matéria, como se isto fosse a reação da matéria a estas vidas que não tiveram narrativas”, acrescenta a fotógrafa, aludindo à homossexualidade, um tema que tem merecido a atenção da artista.

IMAGINAR O ESPAÇO COMO UMA CAVE, UMA IDA AO SUBSOLO

Com curadoria de Maribel Mendes Sobreira, a exposição foi pensada enquanto conjunto, onde duas dezenas de fotografias, originais e outras de arquivo, representam uma unidade. “Aquilo que procurámos foi fazer uma instalação, é assim que a exposição está pensada para que houvesse um diálogo. Exis-

tem umas fotos que estão suspensas, outras no chão e outras na parede. Não é algo clássico”, afirma a autora.

Além do conceito organizacional, a mostra, segundo Catarina Botelho, vai ao encontro do espaço expositivo: “Este espaço agradou-me desde logo, porque tem uma cave e permite jogar um pouco com a ideia de se descer ao subsolo. Interessava-me também pensar este espaço como se fosse um armazém. Aquilo que pretendo passar ao público é que a exposição é, também, uma espécie de cave, um espaço onde colocamos as coisas que já não usamos”. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Lançamento de livro “Filhos do Meio. Hip Hop à Margem”

É LANÇADO este sábado, no Museu de Almada – Casa da Cidade, “Filhos do Meio. Hip Hop à Margem”, uma obra de Ricardo Fernandes, em colaboração com Rui Miguel Abreu, Francisco Freitas e Daniel Freitas, que surge na sequência do projeto multidisciplinar com o mesmo nome que assinala a efeméride dos 30 anos da coletânea RAPública, a primeira compilação de rap português.

Depois de uma exposição e de um documentário, o livro vem consolidar o objetivo do projeto nos concelhos de Almada e Seixal. “No âmbito deste projeto foi-se pensando nas várias peças e surgiu esta ideia do livro. Tem algumas histórias que contamos na exposição e no documentário, mas, pela sua natureza, é um formato que permite incluir mais informação, mais conteúdo e ir a fundo em cada história. Foi isso que procuramos fazer. Entrevistámos várias pessoas, algu-



mas já não vivem em Portugal”, explica Ricardo Farinha ao Semmais.

Muito mais que fazer um simples compilado, a preocupação, segundo o autor, era contar histórias e mostrar as personagens que marcaram o nascimento e crescimento do hip-hop na região. “Uma é sobre um homem que hoje tem 52 anos, o Nelson Neves, que é um almadense imigrado em

Paris e foi o fundador e líder do primeiro coletivo de hip-hop em Almada, chamava-se B-Boys, boxers. O Nelson nunca tinha dado uma entrevista e acho a história dele bastante paradigmática para explicar como e porque é que o hip-hop surge naquela altura em Portugal e como está tão ligado à nossa história pós-colonial. O Nelson é filho de imigrantes cabo-verdianos, como toda uma primeira grande geração de filhos de pessoas oriundas dos PALOP que não se identificavam com as grandes referências culturais mundiais”, revela o autor.

Em jeito de conclusão, Ricardo Farinha afirma que o projeto - exposição, livro e documentário - tem a tarefa fundamental de “deixar para memória futura estas histórias, dar a conhecer estas pessoas e porque é que fizeram isto”. ■

TEXTO ????

Agenda

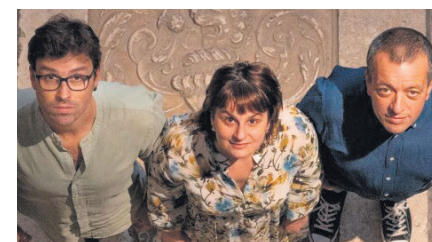


ORQUESTRA DE JAZZ DE SETÚBAL

Concerto integrado no Circulo de Jazz Fest conta com a colaboração do saxofonista americano Chris Cheek que, ao longo da carreira, tocou em formações como Electric Bebop Band, Liberation Music Orchestra e septeto Fellowship.

Setúbal

8 de fevereiro, 21h00



“FRUTOS MADUROS”

O Cine-Teatro S. João recebe o mais recente trabalho de Pedro Santos e João Pedro Silva. Neste espetáculo apresentam o primeiro projeto editorial conjunto, a que se junta a voz de Rita Maria.

Palmela

8 de fevereiro, às 21h30



RITA VIAN

Com os temas “Sereia” e “Purga” a artista apresentou-se no mundo do som urbano, vinda de sonoridades como o fado, hip-hop e rap. Pela primeira vez, a cantora sobe ao palco do Teatro Municipal Joaquim Benite.

Almada

8 de fevereiro, às 21h30



“BANZO”

Numa viagem até 1907, este filme de Margarida Cardoso, em exibição no Centro de Artes, representa a história de Afonso, que recomeça a sua vida numa ilha tropical africana como médico de uma plantação.

Sines

8 de fevereiro, às 21h30

EDITORIAL
RAUL TAVARES
DIRETOR

O mau exemplo do 'liberalismo' de Milei

Anda por aí a ideia de que a Argentina de Milei, o novo guru dos liberais em Portugal, tem operado milagres económicos, nomeadamente reduzindo drasticamente a sufocante inflação daquele país da América do Sul.

Ora, isso parece ser verdade, mas os custos das políticas deste lunático ultra-liberal para a maioria da população argentina são impressionantes.

Milei, que tem governado o seu país como um monarca, ultrapassando mesmo as leis constitucionais, atingiu esta façanha, promovendo a contração dos gastos, com cortes em benefícios sociais e paralisou o investimento público. Isso, de facto, resultou em superávits mensais. Mas tanto o FMI como o Banco Mundial falam numa recessão de quase quatro pontos, contraindo a economia.

Mais grave, as políticas do 'salvador', que se intitulou de 'libertário' durante a campanha que o guindou à cadeira do poder, exacerbaram a pobreza, que aumentou onze por cento desde lidera o país, o maior salto em vinte anos.

Os números dão bem conta deste desastre social, com sete em cada dez crianças argentinas em situação de pobreza, e mais de metade da população - 53% segundo o Instituto Nacional de Estatísticas e Censo - não consegue satisfazer as suas necessidades básicas. Em 2023 rondava os 40%.

Milei insiste que as suas políticas vão dar resultado, e até pode concretizar essa agenda económica, mas sobretudo à conta do povo argentino que tem somado desilusões atrás de desilusões, num experimentalismo político que soma desaires.

Ficam ainda medidas 'liberais' que adornam o cardápio deste pequeno ditador, que insulta deficientes e usa e abusa de mensagens homofóbicas, como a alteração da idade para uso de armas, dos 21 para os 18 anos de idade.

Se esta Argentina é um modelo a seguir, mal vai o liberalismo do primeiro-mundo, que não consegue empreender desafios, nem apresentar modelos, nem ruturas sociais e económicas, sem privilegiar uns tantos e desferir golpes profundos na vida dos mais vulneráveis. ■



ARTUR VAZ
ESCRITOR

Sem se pretender fazer um exaustivo balanço em termos culturais, ao ano de 2004, podemos contudo afirmar, inequivocamente, que foi um ano pobre reinando a falta de visão e estratégica com vista à implementação de uma política cultural virada para os grandes desafios.

Portugal tem vindo a viver culturalmente como que sustentado por uma profunda mesquinhez de visão e estratégia, onde têm reinado um profundo cenário de virtualismo e folclore, onde tudo se faz em nome da Cultura, mas que no fundo se resume a meras terapêuticas de cosmética, de modo a não deixar nascer mais rugas no nosso tecido cultural, motivadas por regras financeiras, que têm pela cultura uma nefasta política subsidiada, colocando-a como o parente mais pobre.

A inexistência de profundas reformas no sector do Património, com vista ao financiamento de projectos de recuperação dos imóveis e o surgimento de uma política de en-

2024 - UM ANO DE DÉFICE CULTURAL

quadramento dos vários sectores do nosso espólio patrimonial, foram, entre muitas carências, razões mais que plausíveis para aumentar o nosso descontentamento e desagrado.

No que diz respeito à salvaguarda do património edificado, é notório um profundo alheamento e uma permanente degradação. O exemplo mais concreto é o grande número de igrejas e templos que se encontram por todo o país à mercê do vandalismo, face ao seu abandono.

Outra carência que não nos deixou alheios, foi o facto da diminuta preocupação em encetar acordos entre os vectores culturais como a Torre do Tombo, Biblioteca Nacional e Autarquias, com vista a fomentação de um intercâmbio de apoio as inúmeras bibliotecas municipais, dotando-as de infraestruturas com vista a um melhor aproveitamento das suas potencialidades como pólo de atracção da juventude e de germinação cultural, entre a comuni-

dade e as escolas.

Com a proximidade das eleições autárquicas, novos desafios se deparam com a construção de novos equipamentos culturais e, com tal, é necessário novas orientações e estratégias, contrariando políticas erradas, mas para isso é necessário fazer das promessas proveitosas e não como meras intenções eleitoralistas..

A existência de efemérides pervertidas e um constante esquecimento da nossa História, explica de forma inquestionável a ausência de verdadeiras convicções, trazendo ao de cima o autismo dos políticos pondo como marca e timbre a sua incapacidade de introspecção dos graves desafios que nos deparam.

Como militante da Cultura, penso que Portugal precisa de "novas fronteiras", onde o saber e a formação, seja, de uma vez para sempre, pertença do próprio povo e venham a surgir como verdadeiros detonadores do seu enriquecimento. ■



MARGARIDA AFONSO
COORDENADORA DO PS SEIXAL, ARRENTELA E ALDEIA DE PAIO PIRES

A Cultura é fator de identidade dos territórios, integra, participa, inclui, transforma e define a nossa identidade coletiva. Mas a promoção da Cultura não se pode esgotar na realização de festas populares, apesar destes serem momentos importantes de celebração e convivência das populações. É essencial ir mais além, investir na criação artística, na fixação de profissionais, na educação e na formação de público, começando pelos mais jovens.

Educação e Cultura são dois aspetos centrais da ação política e do trabalho em prol do desenvolvimento social. Cultura e Educação potenciam cidadãos

A CULTURA COMO PILAR DO DESENVOLVIMENTO - UMA VISÃO PARA O SEIXAL

mais atentos, curiosos e empáticos, mais felizes e auto conscientes, rompem os ciclos de exclusão, discriminação ou auto censura, e para isso é preciso educar para a cultura, aproximando as comunidades das expressões artísticas e performativas, cruzando culturas, promovendo a diversificação da oferta cultural, criando público para a música, o teatro, a dança, a literatura ou a poesia ...e criar público significa criar valor. Mas para obter estes resultados é preciso investir e apoiar o crescimento das estruturas de criação, é necessário apoiar as nossas bandas filarmónicas, as coletividades e escolas de formação,

modernizar as infraestruturas culturais do concelho e criar programas e projetos que facilitem o acesso à cultura e criem nos cidadãos o reconhecimento da sua necessidade para o bem estar e para o desenvolvimento colectivo. O Partido Socialista acredita que a cultura é um pilar essencial do progresso e que o Seixal tem todas as condições para ser um concelho de referência nesta área. Com investimento, visão e o envolvimento da comunidade, poderemos criar um futuro em que a cultura seja não apenas celebrada ou consumida, mas praticada, integrada no quotidiano e valorizada por todos. ■

semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, David Marcos, José Bento Amaro** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Arlinda Correia** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica LUSOIBÉRIA, Av. da República, nº 6, 1050-191 Lisboa, / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** / /jornalsemmais



CARLOS CARDOSO
GESTOR

Vivemos tempos complexos, e se há uma expressão que tem ecoado nas conversas das gerações atuais é “geração sanduíche”. Afinal, sou parte desse grupo que se encontra na interseção de duas realidades desafiantes: o cuidado com os pais que envelhecem e a responsabilidade de criar ou apoiar nossos filhos e, em muitos casos, também os netos.

Este equilíbrio delicado entre gerações empurra nos para um espaço em que o amor e a obrigação caminham lado a lado, mas também gera questões inquietantes sobre o nosso futuro.

O amor pelos nossos pais é imenso, e o desejo de retribuir tudo aquilo que fizeram por nós é natural. No entanto, esse amor se transforma em dever à medida que suas necessidades de vida se tornam mais exigentes. Cuidar de um pai ou de uma mãe que em tempos idos foram os nossos heróis não é uma tarefa simples. Trata-se de um trabalho e apoio constante, seja o simples levar a consultas médicas, ajudar com os medi-

camentos, ou simplesmente estar presente para oferecer conforto. A altruísta missão de sermos cuidadores é, por muitas vezes, um desafio físico e emocional que adiciona camadas à nossa já cheia rotina do dia a dia.

Ao mesmo tempo, a pressão que sentimos em relação aos nossos filhos é igualmente intensa. O mundo atual exige mais de nós enquanto pais. As expectativas sobre educação, segurança emocional e construção de valores são extremas, e muitas vezes vemos-nos na busca incansável de criar alternativas que garantam o melhor para a próxima geração. E não é só isso: as preocupações financeiras, a instabilidade económica e as incertezas do futuro fazem com que o papel de pais se torne ainda mais desafiador.

E evidentemente, no meio de todo este turbilhão, normalmente aparecem os netos, que, embora tragam uma alegria imensa, também adicionam uma nova camada de responsabilidade. O papel de avô ou de avó pode ser libertador em muitos aspetos, mas se considerarmos o cansaço acumulado de nossas obrigações, torna-se mais um novo elemento a ser gerido. Mais um generoso, mas muito exigente presente.

Mas, aqui está a questão que muitas vezes nos assedia; será que, quando chegar a nossa vez de sermos cuidados, os nossos filhos estarão em posição de nos poder retribuir?

A instabilidade em que vivemos, marcada pelo aumento do custo de vida e das necessidades de constante adaptação aos novos desafios que se apresentam todos os dias, irão reduzir a capacidade da próxima geração de cuidar de nós como fizemos com nossos pais. E isso nos faz pensar, com todas estas camadas de responsabilidade, onde existirá o espaço para o nosso autocuidado e as nossas próprias necessidades?

A verdade é que somos abençoados, mas também sobrecarregados. O amor que sentimos por nossos pais e filhos força nos a procura de um equilíbrio que, muitas vezes, parece inalcançável.

Num mundo que avança rapidamente e nos exige um tempo que muitas vezes não temos, é vital encontrar estratégias para dividir responsabilidades e acolher suporte emocional, seja entre familiares, amigos ou comunidades.

É fundamental que criemos uma rede de apoio, onde possamos contar uns com os outros, entender que não estamos sozinhos nessa jornada e que pedir ajuda não é sinal de fraqueza, mas de força. E, mais importante, é crucial ensinarmos às novas gerações o valor do cuidado intergeracional, para que continuem a tradição de amar e cuidar, mas também aprendam a olhar para si mesmos.

Pois, no final das contas, enquanto tentamos ser o suporte para nossos pais e cuidarmos dos nossos filhos, podemos estar a esquecermo-nos de nós próprios. Se há algo que desejo para o futuro é que não deixemos de lado a importância de cuidar do nosso próprio bem-estar. E, assim, conseguimos não só sobreviver, mas prosperar, com um legado de amor que transcende gerações.

Afinal, ser parte da geração sanduíche não deve significar estar preso entre obrigações, mas sim estar cercado pelo que mais amamos.

Como costume dizer “A família será sempre o reflexo da nossa própria história”. ■

PUBLICIDADE



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE ENTRE TEJO E SADO

Pretende seleccionar

Comercial Polivalente

PRINCIPAIS RESPONSABILIDADES

- ◆ Atendimento ao cliente e desempenho de funções de caixa;
- ◆ Comercialização de produtos e serviços bancários;
- ◆ Efectuar as tarefas administrativas inerentes à função.

PRETENDE-SE

- ◆ Habilitações mínimas ao nível de licenciatura, com opção nas áreas de Economia, Gestão ou Marketing;
- ◆ Preferencialmente, experiência profissional na área comercial;
- ◆ Residência nos concelhos da área geográfica da Caixa;
- ◆ Conhecimento em línguas, em particular na língua inglesa;
- ◆ Conhecimentos de informática na óptica do utilizador;
- ◆ Carta de condução e disponibilidade para deslocações.

OFERECE-SE

- ◆ Remuneração de acordo com o ACT do sector;
- ◆ Regalias sociais do sector bancário;
- ◆ Perspectivas de evolução na carreira profissional.

Resposta com indicação da referência 25/25, acompanhada de curriculum vitae e certificado de habilitações para a *Direcção de Central de Recursos Humanos da Caixa Central* através do e-mail recrutamento@creditoagricola.pt. Serão consideradas as candidaturas recebidas até ao dia 21 de Fevereiro de 2025.

➤ Contactaremos APENAS as candidaturas seleccionadas.

PUBLICIDADE

TEATRO POLITEAMA

FÁTIMA

ÓPERA-ROCK DE FILIPE LA FÉRIA

A HISTÓRIA DO MILAGRE DE FÁTIMA COMO NUNCA FOI CONTADA

Quarta, Quinta, Sexta e Sábado às 21h e Sábado e Domingo às 17h
Reservas: 213 405 700 - 964 409 036 - politeama.bol.pt

M12

Entrada livre
CORPOS
 Março
01, 02, 04
 21h30 15h00



CARNAVAL

Montijo

2025

www.carnavalmontijo.pt  

Promotores:



MONTIJO
E AFONSOEIRO

Organização:



Patrocínios:

